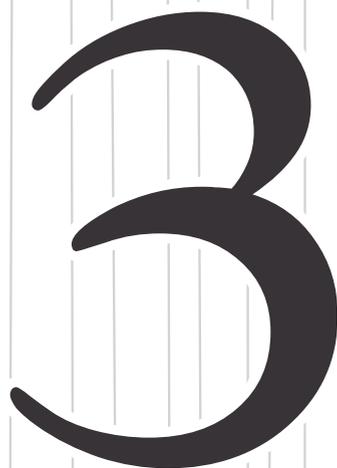


Genealogia da homofobia na modernidade: misoginia e violência

*Genealogy of the homofobia in modernity:
misogyny and violence*

Felipe Adaid

*Advogado, graduado em Direito e mestre em Educação pela Puc-Campinas
felipeadaid@gmail.com*



When I was in the military, they gave me a medal for killing two men and a discharge for loving one¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre as raízes da homofobia, bem como sua relação com a misoginia; assim, como essência do trabalho, pretende-se retomar ao passado na busca por respostas. Dessa feita, inicialmente se questiona a hipotética relação entre o fenômeno homofóbico e misógino com a própria questão do falocentrismo. Em que pese o desenvolvimento da temática, ressaltam-se especificamente, no contexto moderno até a atualidade, os fenômenos de violência envolvendo a homossexualidade, mormente em relação ao processo de criminalização e patologização. Sendo assim, a pergunta que resume a pesquisa pode ser assim formulada: qual a relação entre a homofobia e a misoginia no período moderno à atualidade, tendo em vista o falocentrismo? No que se refere ao método de pesquisa, tem como base a revisão bibliográfica e busca de literatura, sobretudo no campo histórico e antropológico.

Palavras-chave: Falocentrismo. Homofobia. Misoginia. Modernidade.

Abstract

This article aims to discuss the roots of homophobia and its relationship with misogyny, as well as essence of the work, we intend to return to the past in search for answers. This time, initially questions the hypothesized relationship between homophobic and misogynist phenomenon with the very question of phallocentrism. Despite the development of the theme, it is emphasized specifically in the modern context to the present day, the phenomena of violence involving homosexuality, especially in relation to the criminalization and pathological process. So the question comes down to research can be formulated as follows: what is the relationship between homophobia and misogyny in the modern period to the present, with a view phallocentrism? With regard to the research method, the article will be carried out through literature review and literature search, especially in the historical and anthropological field.

Keywords: Phallocentrism. Homophobia. Misogyny. Modernity.

¹ “Quando estive no exército, eles me deram uma medalha por matar dois homens e a expulsão por amar outro”. Inscrição contida no epítáfio do soldado americano, veterano da Guerra do Vietnã, Leonard Matlovich.

Introdução

Após praticamente um século de efervescência medieval, o alvorecer do Renascimento trouxe uma nova fachada ao contexto científico e filosófico, a despeito de, como assevera Nietzsche (2008), o Renascimento ter representado uma transvaloração dos valores cristãos, uma tentativa, empreendida por todos os meios e com todo o gênio, de levar à vitória dos valores até então combatidos. A cultura pagã grega voltou a ser idealizada enquanto pensamento de excelência entre os intelectuais. A partir de então, influenciada principalmente pelo movimento absolutista, os Estados europeus se tornaram cada vez mais independentes e laicos, desvinculados politicamente da Igreja Católica e Protestante. Influenciados pelo Iluminismo, os novos pensadores começaram a cultivar um enorme rancor pela Igreja Católica². Ademais, foi durante o Renascimento que o mundo clássico voltou a ganhar lugar na cultura europeia, sobretudo, nas artes. Nas esculturas, nos afrescos e nos quadros, os novos artistas mostravam uma estética grega. A *Criação de Adão* e o *David* de Michelangelo, ambos, expõem o corpo masculino nu, com seus músculos torneados, assim como a arte pagã. Leonardo da Vinci igualmente ressalta a beleza andrógina em suas pinturas, como, por exemplo, em seu *São João Batista*, em que quase não se notam os traços masculinos, podendo ser facilmente confundido com uma mulher. Mesmo as figuras femininas de da Vinci apresentam certo toque masculino. Se fosse trocada a indumentária da *Dama com Arminho*, ela facilmente se transformaria num rapaz.

O movimento iluminista foi um protesto aos anos de obscuridade medieval. Todo conhecimento mítico, ou misterioso, tornou-se funesto, além disso, os novos pensadores não mais admitiam teorias fantasiosas a respeito dos fenômenos naturais ou sobre os sentimentos humanos. Para a nova ciência, todo conhecimento poderia, e deveria, ser analisado por meio de um processo metódico, assegurando, assim, que somente a mais pura verdade prevalecesse. As ciências humanas, ou seja, todo conhecimento que provinha da subjetividade e que até então era vinculado apenas à Filosofia, passou também por esse processo de racionalização. O subjetivo se tornou objetivo, de modo que melhor pudesse ser dissecado; na realidade, o dogmatismo humano deu lugar a um dogmatismo científico.

² A celebrada frase de Jean Meslier, ora atribuída a Denis Diderot, resume a ira ao Absolutismo e à Igreja: “o homem só será livre quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre. Infelizmente os reis deram lugar aos presidentes e os padres ao entretenimento midiático de massa”. Originalmente: “*Et des boyaux du dernier prêtre; Serrons le cou du dernier roi*” (MESLIER, 1970, p. 422).

Os criminosos sodomitas da Modernidade

Mesmo com o advento da Modernidade, a influência da Igreja, o moralismo sexual e a dominação fálica estavam longe de acabar, mas apenas a aristocracia intelectual parecia consciente da nefasta influência da religião. Por meio da Igreja, a população miserável permanecia inerte na ignorância. Em realidade, o povo ainda sofria as consequências psicológicas da Baixa Idade Média, quais sejam: a preocupação com a salvação, o medo da morte e da tentação diabólica. Em virtude dos tempos de peste do século XIV, esses temores criaram uma onda de pânico tão grande, no final do medievo, que sua força ainda podia ser sentida na Modernidade. O fervor religioso, motivado pela culpa e pelo sentimento de esperança, conseguiu facilmente se propagar pelas gerações. Socialmente, as maiores consequências disso referem-se à valorização do casamento e da castidade, no final do medievo e início da Modernidade. Segundo Muchembled (2007), testemunhos disso são o avanço da devoção à Virgem Maria e, ao mesmo tempo, a caça às bruxas, que culminou entre 1580 e 1630 na Europa Ocidental.

A caça às bruxas foi uma perseguição religiosa e social. Teve início no final da Idade Média e se intensificou na Idade Moderna, de 1453 a 1789. As colheitas goradas, as tempestades, as doenças do gado e as crianças deformadas tinham sido obra, principalmente de feitiçaria e do Diabo. Qualquer moça atraente, ou com uma feiura muito evidente, era suspeita de bruxaria e de ter relações sexuais com Satã. Alguns historiadores estimam que o número de vítimas foi de aproximadamente 320 mil, sendo 90% mulheres (LINS, 2013, p. 276).

Em 1484, o Papa Inocêncio VIII promulgou um dos documentos mais importantes da história do Vaticano, a bula *Summis desiderantes affectibus*³, a qual intensificava severamente a caça às bruxas. A encíclica deu origem a um manual didático, *Mallus Maleficarum*, O Martelo das Feiticeiras, escrito em 1487 pelos inquisidores Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger, a pedido do próprio papa. A obra encontra-se dividida em três partes: na primeira, ensina-se como reconhecer as bruxas; em seguida, analisam-se os tipos de feitiço e males que elas causam; finalmente, a última parte explica como devem ser os processos de julgamento, acusação e condenação. O ódio irracional se resume na frase: “todas as bruxarias provêm da luxúria carnal, que nas mulheres é insaciável” (KRAMER; SPRENGER, 1997, p. 154).

³ “*Summis desiderantes affectibus [...] et floreat ac omnis haeretica pravitas de finibus fidelium procul pellatur*” (IGREJA CATÓLICA, 1484). Numa tradução livre: “e toda a depravação herética que florescerá seja afastada das fronteiras dos fiéis”.

A violência e a dominação moderna representam apenas uma consequência da visão medieval, que ainda permanecia incrustada na mentalidade humana. As bruxas, as *noivas de Satã*, as diabas, as mulheres lindas e as feias eram apenas símbolos do feminino. As lendas e representações artísticas da época mostram uma clara relação entre a sexualidade e o feminino. Inúmeros quadros apresentam mulheres sendo sodomizadas em caldeirões e praticando atos bestiais, inclusive, a própria figura do coito demoníaco se relaciona com a bestialidade, visto que a imagem medieval dos demônios é absolutamente animalesca. Ademais, os atos homossexuais figuram no mesmo polo das mulheres, não sendo rara a associação da sodomia masculina com a demonologia. Em suma, nesse período, tudo que represente o feminino, inclusive os homens praticantes da homossexualidade, estava relacionado à luxúria, sendo conseqüente e simbolicamente demonizados. Destarte, para o homem moderno, a tortura continuou a representar uma vingança ao feminino, ou seja, uma profunda represália ao mal.

Para os medievalistas, o medo da homossexualidade representava o consciente medo do retorno aos cultos pagãos. Por outro lado, entre os modernos, o temor dessa prática significaria uma relação com o ocultismo. A caça às bruxas representou uma perseguição moral, pois qualquer comportamento sexual que diferisse do tradicional *introductio penis intra vas* seria interpretado como herético. A homossexualidade, para homens e mulheres, foi maciçamente relacionada à ideia de feitiçaria. Os sodomitas eram julgados, torturados, acusados e finalmente executados. Segundo análise do Marquês de Sade, em sua polêmica literatura *Os 120 dias de Sodoma*, a tortura e a punição, principalmente contra os atos libidinosos, representavam uma nobre forma de satisfação sexual⁴. Logo, a tortura, praticada em prol da moralidade e dos bons costumes, era a única forma socialmente aceita que o *homem de bem* tinha para satisfazer sua própria lascívia. Essa interpretação de Sade também guarda mais relação com as violências contra os praticantes da homossexualidade do que contra as mulheres, visto que socialmente, numa contexto falocêntrico, era mais aceito que o homem se relacionasse com mulher. Assim, ao homossexual reprimido ou ao mero desejo carnal que não fosse o heterossexual somente lhe cabia a catarse pela violência, seja na mulher, seja em um homem que transparecesse sua homossexualidade. Talvez a maior repressão guardada se referisse aos comportamentos homossexuais; por esse motivo, muito provavelmente, os inquisidores tinham mais prazer em

⁴ “E como todos esses excessos levam ao assassinato e esses crimes cometidos através da libertinagem são infinitamente vários e são igualmente tão numerosos como as ocasiões em que a imaginação inflamada dos libertinos adota diferentes torturas” (SADE, 2005, p. 27).

queimar um homem efeminado acusado como sodomita do que uma mulher indiciada por bruxaria.

Nesse momento, ainda havia certa confusão entre os conceitos de crime e pecado. Assim, foi no século das luzes que as sociedades europeias criminalizaram definitivamente a prática homossexual. Com a rejeição à masturbação e à homossexualidade, a masculinidade ideal reorienta-se para as prostitutas e os bordéis. Logo, a prostituição foi incentivada, pois constituía uma prova de virilidade (LINS, 2013). A libertinagem foi uma resposta ao clima de repressão sexual da Renascença. Era interessante para a Igreja e para os governantes que a população buscasse entretenimento nos bordéis. Porém, a libertinagem havia perdido o controle na aristocracia e nem mesmo a Igreja conseguia dominá-la. Os libertinos, surgidos na França, sintetizavam um estilo de vida da corte de Luís XIV, o Rei Sol, e de algum modo acabaram por influenciar outras cortes. Os bailes e as festas eram uma incitação ao adultério e a todo o tipo de concupiscência, um modelo propagado pelo rei em pessoa.

Por um curto período, o princípio calvinista dominou completamente a Inglaterra. O adultério e a sodomia – homossexualidade – tornaram-se crimes capitais, e fornicção passou a ser punida com três meses de detenção. Nos Estados Unidos a sodomia e a bestialidade receberam a pena da forca. Por outro lado, a aristocracia francesa conservou a tradição do *laissez-faire* em relação a toda a questão da sodomia. No século XVII, ela era permitida nas classes superiores, enquanto qualquer outra pessoa apanhada no ato, até a metade do século XVIII, era queimada na Praça de Greve, em Paris (SPENCER, 1999, p. 175).

Os homossexuais eram cabalmente perseguidos, torturados e executados; o povo vibrava enquanto os corpos eram carbonizados nas praças. Eles se sentiam mais vingados, já que para eles era um pecador a menos nas ruas. Pelo fato de os condenados pertencerem à própria massa, sendo talvez um vizinho, um familiar ou um conhecido, a população se via naquelas execuções. Era como se parte dela estivesse ali sendo destruída, a parte mais desprezada. Ao turno que os miseráveis sodomitas eram caçados e exterminados, como uma ratada, em prol da moral e dos bons costumes, a libertinagem na aristocracia florescia. A homossexualidade entre os nobres era comum e tolerada. Contudo, não demorou muito para que a notícia das luxúrias palacianas tomasse as ruas. Os tabloides passaram a criticar essa conduta e o teatro popular também satirizava o tema. Não era somente o comportamento degenerado da nobreza que irritava o povo, mas também o total descaso, pois,

enquanto a população lutava para sobreviver em meio à miséria e à mortandade, a realeza desfrutava dos altos impostos com devassidão e prodigalidade.

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não se estivesse completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da libertinagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível (FOUCAULT, 2006, p. 23).

A Revolução Francesa, durante o século XVIII, não tardou a eclodir, significando, mormente, um movimento de reivindicação. Um rancoroso sentimento de vingança aos anos de regime absolutista tomou a massa. O povo derrubou a Bastilha, invadiu Versalhes e guilhotinou os reis. A Revolução não foi apenas o fim de um sistema de opressão causado pela hegemonia monárquica, mas para muitos autores ela representou o fim do próprio modelo patriarcal. Assim como o rei não representava mais o povo, doravante o pai não representaria mais a família. O fim do patriarcado significou o início da entrada de mulher no mercado de trabalho. Pela primeira vez na história, as famílias monoparentais começaram a ser respeitadas. Como o pai não figurava mais no centro familiar, a mulher passaria a ganhar mais prestígio social. Quando Nietzsche proclamou a morte de Deus em *Gaia Ciência*, pôde-se interpretar que na realidade ele estava falando do fim do patriarcado, uma vez que esse sistema ligava-se intimamente às questões religiosas e ao poder absolutista. Nota-se que o primeiro foi afetado pela laicização estatal e o segundo, pelo início do democrático regime republicano. Não obsta asseverar, todavia, que a moral cristã continuou influenciando a sociedade, mesmo com a separação entre Estado e Igreja.

Teria sido o fim do falocentrismo? Talvez ele tenha apenas mudado de foco, pois, apesar de a mulher estar deixando cada vez mais seu papel submisso e passando a assumir uma posição mais ativa na família e na sociedade, ainda se está muito longe da Revolução Sexual. Porém, com o fim do patriarcado, as mulheres parecem ter desenvolvido um pseudofalo, tornando-as aptas a ingressar nas universidades, trabalhar e galgar um espaço melhor na sociedade. Não obstante o desenvolvimento fálico feminino, parece que, paralelamente à retomada de prestígio feminino, outras figuras passaram a simbolizar o que outrora representara a nefasta figura da mulher. Com o desenvolvimento da

Psiquiatria, a homossexualidade deixou de configurar um comportamento e passou a representar um indivíduo. Os sodomitas, que até então significavam uma coletividade, de agora em diante, eram representados por sujeitos individualizados. Não se está mais homossexual, se é homossexual. O novo paradigma revolucionou o pensamento a respeito dessa nova classe de pessoas. Eles passariam a ser identificados e catalogados. Obviamente, esse olhar analisador continuaria influenciado pela censura de seus precursores. Para os novos psiquiatras, o homossexual não passaria de uma cobaia, um experimento. Se há bem pouco tempo eles ocupavam as instituições prisionais, doravante eles inaugurariam as novas alas dos sanatórios.

Os sodomitas doentes da Pós-Modernidade

Mormente após a Revolução Francesa, mudanças no cenário político e econômico do Ocidente passaram a ser analisadas pelos críticos da Sociologia como o início de um novo momento histórico. Segundo Lyotard (1993), na referencial obra *O Pós-Moderno*, decidiu-se chamar de Pós-Modernidade o período posterior ao final do século XIX, a designar um estado de evolução científica, filosófica e artística de ruptura com a modernidade. Do ponto de vista paradigmático, os processos históricos do século XX, no que se refere ao evidente avanço tecnológico, à rapidez no fluxo de informações e ao fenômeno da globalização, apontam para uma notória agitação de ordem moral, econômica e política.

Paralelamente ao movimento racional, surge o Romantismo, que no campo artístico, literário e musical, tentou analisar o aspecto subjetivo do homem, talvez num retorno aos ideais trovadorescos; é certo que o amor cortês foi, sem dúvida, o seu mais arcaico resquício. Enquanto os pensadores estavam envolvidos nos novos rumos que o Positivismo dava às ciências, o Romantismo não se preocupava com a realidade dos fatos, estando sua crítica justamente na visão irracional e exagerada do mundo. Através de artistas como Francisco de Goya, com seu óleo sobre reboco *Saturno devorando seu filho*; Beethoven, com suas nove sinfonias; e Goethe, com sua obra *Os sofrimentos do Jovem Werther*, que inaugurou o movimento romântico na Europa, o Romantismo foi, antes de mais nada, um protesto⁵. Mormente na literatura, ficam evidentes a exaltação do feminino e a mendicância masculina pelo amor. As obras desse período tiveram grande influência social. Porém, se por lado as pessoas se sentiam cada vez mais apaixonadas e em busca de um amor, do ponto de vista

⁵ “Wordsworth protestou contra a organização da civilização; Coleridge, contra a tirania da razão; Byron, contra a respeitabilidade da classe média; e Shelley, contra os males da sociedade” (LINS, 2013, p. 102).

sexual, a pós-modernidade se iniciou marcada por um profundo sentimento de repressão, que se intensificaram após a era vitoriana.

Pela primeira vez na história, a sociedade designava um grupo de homens como *desprezíveis* por causa de sua sexualidade. Antes dessa época, a sodomia tinha certamente sido considerada um pecado, mas era algo que poderia fazer toda a humanidade sofrer. Agora, apenas alguns indivíduos eram caracterizados pelo pecado. Essa mudança do geral para o particular foi radical e tinha suas utilidades, a homossexualidade poderia agora ser confirmada (SPENCER, 1999, p. 182).

Desde os gregos, que exaltaram a homossexualidade e a mais excelsa dignidade, nunca houve um só vernáculo que expressasse a categoria dessa gente, pois eles eram somente pessoas. Igualmente entre os romanos, que de certa forma toleraram esse comportamento, não obstante houvesse diversas expressões, depreciativas e malfadadas, para representar o passivo da relação, não existia uma categoria social que englobasse todos. O que é mais espantoso é que até os medievalistas ignoravam essa categoria, talvez por ignorância ou absurda heresia, referindo-se a eles, no máximo, enquanto pecadores. Até a palavra sodomita, que parece soar tão arcaica, não fazia referência apenas à homossexualidade, mas a todos os atos sexuais não naturais. Mesmo quando se promulgaram leis contra a homossexualidade e esta recebeu a pena da fogueira, os condenados eram queimados sendo homens e mulheres *praticantes* de sodomia. Não havia ainda no imaginário do homem a ideia de que alguém podia *ser* assim. Apenas com o advento da Psiquiatria no final da modernidade que se começa a pensar no homossexual enquanto ser, enquanto uma característica essencial ou adquirida que possa diferenciá-lo dos demais.

Do ponto de vista penal, talvez assim tenha ficado mais fácil apontá-los e separá-los das pessoas. Torná-los uma categoria à parte foi tão desumano, pois os *sodomitas* ou *uranistas*, como passaram a ser chamados, formavam um sexo diferenciado, como que se eles não fossem nem homem, nem mulher – no imaginário da maioria, eles sequer podiam ser chamados de pessoas. Em pleno século XIX, alguns países ainda mantinham a pena capital ao crime de sodomia, embora as execuções fossem muito raras, visto que o júri quase sempre se comprazia com o réu⁶. Manter os sodomitas como criminosos capitais talvez tenha sido uma arma política, visto que assim havia um certo

⁶ “Apensar do grande interesse das principais autoridades dos países em controlar a sodomia, o sentimento da época parecia inclinar-se contra a pena de morte. Além disso, a possibilidade da morte implicava que o ônus da prova fosse extremamente pesado, ao passo que os jurados se mostravam cada vez menos dispostos a declarar os arguidos culpados” (NAPHY, 2006, p. 214).

controle pelo medo, mesmo que na prática jurídica a absolvição fosse quase certa. Quando esse método parou de funcionar, o legislador tratou de transformar a pena em privativa de liberdade. Oscar Wild possivelmente foi o caso mais famoso. Respeitado no meio intelectual, todos sabiam de suas preleções sexuais, ainda assim, suas peças eram exibidas nos teatros e seus livros eram lidos. Porém, envolveu-se com um duque, sua última paixão, pois, assim que o pai do nobre tomou ciência do relacionamento, levou o caso aos tribunais. Wild foi preso em 1895, condenado a trabalhos forçados por dois anos. Depois do escândalo, suas peças foram retiradas dos palcos e seu nome saiu das conversas intelectuais. Em 1900, ele morreu, pobre, sozinho e infeliz. Nas palavras de Naphy (2006), o recado naquele fim de século era claro: os homossexuais podiam ser presos e destruídos em público.

Psiquiatria: homossexualismo e os epidemiologistas

Enquanto na Idade Média a única ótica para o homem era a religião, com o surgimento das ciências há uma nova possibilidade de análise. Até então, a Filosofia⁷ tinha forte influência da Teologia, que estudava o subjetivismo. A partir de então, o Positivismo daria especial importância à subjetividade humana. Para a Psiquiatria, a homossexualidade passou a ser vista enquanto uma categoria específica, uma perversão. Considerar a homossexualidade uma perversão não era nada admirável ou novo, pois ela já vinha sendo censurada há séculos, o discurso médico somente veio dar suporte científico. Ademais, o que nesse período não era considerado perversão? Desde a feação até o coito anal, nada que se distanciasse do *introductio penis intra vas* podia ser normal, até o simples ato do onanismo, que inclusive acreditava-se guardar certa relação com a homossexualidade, era igualmente pervertido. O vernáculo *homossexual* ainda existia, visto que esse termo somente foi cunhado em meados do século XIX. Contudo, nesse momento, a ciência já tinha uma certeza: a homossexualidade se referia a uma categoria específica. Basta saber agora quem eram eles e de onde eles vinham.

Por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de

⁷ “Raramente os filósofos encaram com segurança tais objetos, situados entre a repugnância e o ridículo, em relação aos quais seria preciso, ao mesmo tempo, evitar a hipocrisia e o escândalo. Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção. Cumpre falar do sexo como de uma coisa que não deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo” (FOUCAULT, 2006, p. 30).

análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. O sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia como meio para seu exercício (FOUCAULT, 2006, p. 30).

Do ponto de vista penal, embora já não houvesse mais execuções capitais, a homossexualidade, geralmente classificada como *sodomia*, ainda era criminalizada, recebendo a pena restritiva de liberdade. A Psiquiatria foi de vital importância para o Direito Penal, pois os legisladores tinham subsídios científicos para embasar suas leis. Até o advento da Psiquiatria, as decisões jurídicas tinham se utilizado do Direito Canônico, o que deixava os julgadores cada vez mais embaraçados, dada a laicização do Estado. A expressão sodomita soava muito bíblica para alguns juízes, sendo necessário um toque mais científico. Foi graças ao grande esforço dos médicos e psicólogos que essa situação mudou. Tão logo os profissionais da saúde começaram a classificá-los de *perversos* e *degenerados*, esses termos passaram a ganhar jargão técnico. Com o uso de tais nomenclaturas técnicas, as decisões e os acórdãos começaram a ganhar mais credibilidade. Quanto mais os legisladores abrandavam as penas e os julgadores tornavam as condenações mais raras, mais os médicos se interessavam pelo assunto⁸. Foi somente em 1848 que o psicólogo austríaco Karoly Maria Benkert batizou o praticante do *degenerado* comportamento como *homossexual*, em um manuscrito. Alguns anos depois, ele utilizou o mesmo termo em seu livro *Psychopathia Sexualis*, publicado em 1886 (SPENCER, 1999).

Contudo, o batismo não tornou menos lúgubre e pesado o fardo dos *homossexuais*, pois seu novo nome representou apenas mais um título, mais uma nomenclatura técnica, um eufemismo médico, carregado de preconceitos. Juntamente com os homossexuais apareceram inúmeras outras classificações e subespécimes humanos – talvez tenha sido uma diversão médica. Como bem aponta Foucault, essa nova caça às sexualidades periféricas provocou a incorporação das perversões e novas especificações dos indivíduos. A sodomia, a dos antigos direitos civis e canônicos, era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX tornou-se

⁸ “Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias os moralistas e, sobretudo, os médicos trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação” (FOUCAULT, 2006, p. 43).

uma personagem: um passado, uma história, uma infância, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade, quando foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma; o sodomita era um reincidente e, a partir disso, o homossexual caracterizou-se como uma espécie. Esse movimento científico de busca e conhecimento o filósofo francês denominou de *psiquiatrização do prazer perverso*⁹.

O sexo sempre interessou o homem. Provavelmente impelido pelo seu próprio ímpeto libidinal, a forte moral e a censura fizeram com que essa curiosidade fosse recalçada ao ponto de sua extinção. A total negação da sexualidade pelo dogma do cristianismo e a obsessiva perseguição por parte dos clérigos apontavam para uma mórbida curiosidade sexual. Era por meio do discurso da negação consciente que os cristãos abordavam a sexualidade e acabavam por ter mais contato com ela. O movimento de psiquiatrização fez o mesmo, diante da valorização da castidade e da condenação da libertinagem que a sociedade ainda vivia no final do século XIX, abordando o sexo nos discursos científicos como uma forma bem elegante de lidar com os próprios instintos. É provável que tenha sido a própria inquietação de sua sexualidade que impeliu os primeiros estudiosos a se debruçarem sobre o tema, tornando-o um objeto tão inquietante. Isso não significa que todos os psiquiatras da época considerassem sua sexualidade perversa, incomodando-os e atormentando-os a tal ponto que os influenciassem a estudá-la. Todavia, a considerar que o padrão de sexualidade normal e saudável limitava-se ao conjugal *introductio penis intra vas*, qualquer prática excêntrica ou posição um pouco mais original poderia ser interpretada como um traço de perversão. Outrossim, tornar os homossexuais perversos necessários podia ser uma boa vingança, não somente em relação aos outros, mas também contra seus próprios sentimentos e dilemas. Quantos estudiosos homossexuais, conscientes ou inconscientes de seus desejos, não se refugiaram por trás de um discurso conservador e preconceituoso, numa tentativa frustrada de negação?

Essa mentalidade patológica do homossexual foi muito forte no século XIX, já que pouquíssimos psicólogos e psiquiatras ousavam contestar

⁹ “Como são espécies todos esses pequenos perversos que os psiquiatras do século XIX entomologizaram atribuindo-lhes estranhos nomes de batismo: há os exibicionistas de Laségue, os fetichistas de Binet, os zoófilos e zoerastas de Kraff-Ebing, os automonossexualistas de Rohleder; haverá os mixoscopófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres disparêunicas. Esses belos nomes de heresias fazem pensar em uma natureza o suficiente relapsa para escapar à lei, mas autoconsciente o bastante para ainda continuar a produzir espécies, mesmo lá onde não existe mais ordem” (FOUCAULT, 2006, p. 51).

publicamente essa teoria. Spencer (1999) cita apenas quatro rebeldes desse período, que se atreviam a expressar sua indignação e repúdio ao conservadorismo médico, sendo eles: Walt Whitman, John Addington Symonds, Edward Carpenter e Havelock Ellis. A posição médica conservadora a respeito da sexualidade somente mudou a partir do século XX, e de forma muito acanhada, mormente com base na influência psicanalítica. Sigmund Freud, neurologista austríaco, foi quem fez as primeiras descobertas sobre a sexualidade, com observações iniciais que advinham da observação clínica de suas pacientes histéricas. Freud notou a relação entre os sintomas histéricos – paralisias, desmaios e cegueiras – e a repressão sexual. Em seguida, constatou que as crianças eram dotadas de sexualidade e que guardavam um desejo incestuoso pelos pais. Se hoje falar em sexualidade e incesto causam certa estranheza, o que dirá numa época em que os masturbadores ainda eram acusados de serem pervertidos e degenerados? A teoria psicanalítica gerou enorme efervescência no ocidente, mas foi ganhando adeptos ao longo das décadas.

A posição singular da psicanálise não seria bem compreendida caso se desconhecesse a ruptura que operou relativamente ao grande sistema da degenerescência sexual. Porém, as camadas populares esperaram, por muito tempo, ao dispositivo de sexualidade. Estavam, decerto, submetidas, conforme modalidades específicas, ao disposto das alianças: valorização do casamento legítimo e da fecundidade, exclusão das uniões consanguíneas, é pouco provável que a tecnologia cristã da carne tenha tido jamais alguma importância para elas (FOUCAULT, 2006, p. 63).

O século XX foi um período marcado por grandes lutas e inovações para a sexualidade. Por um lado, na área da saúde mental, a Medicina e a Psicologia se digladiavam nos congressos, havendo nos dois campos os conservadores e os progressistas. *Grosso modo*, a ala conservadora continuava a defender a patologização da homossexualidade. Segundo eles, os homossexuais, assim como os demais *ófilos* – zoófilos, pedófilos, necrófilos –, deveriam ser estudados enquanto doentes, ou seja, enquanto parafilíacos e pervertidos, para quem sabe num futuro próximo fosse possível o desenvolvimento de um tratamento. De outra banda, havia os liberais progressistas, dentre os quais os psicanalistas, que defendiam um modo mais humanitário de analisar os homossexuais. De acordo com essa linha, a homossexualidade era apenas um traço da sexualidade humana e não representava um distúrbio mental. Essas discussões não pertenceram apenas à primeira metade do século XX, tendo em

vista que a retirada do termo *homossexualismo* da Classificação Internacional de Doença apenas se deu na década de 1970¹⁰.

A visão patológica e a influência da Psiquiatria, na tentativa de se desenvolver um tratamento ou uma cura efetiva para a homossexualidade, chegaram ao seu auge durante a Segunda Guerra Mundial. Fortemente influenciados pelo pensamento do eugenismo, os nazistas queriam a todo custo encontrar uma forma de exterminar esse sentimento. A lobotomia, que já vinha sendo testada em pacientes esquizofrênicos e em prisioneiros com alto grau de periculosidade, começou a ser testada em homossexuais nos campos de concentração. A ideia era realizar uma incisão no cérebro, nas vias de ligação entre o lobo frontal e o tálamo, na tentativa de minimizar os impulsos sexuais que levavam ao comportamento homossexual¹¹.

O grande legado das ciências mentais se deu pelos estudos quantitativos realizados na década de 1940, pelo entomologista e zoólogo norte-americano Alfred Kinsey. O relatório consistiu na elaboração de dois volumes, quais sejam: o *Sexual Behavior in the Human Male*, em 1948, e o *Sexual Behavior in the Human Female*, publicado cinco anos depois. As afirmações de Kinsey de que quase metade dos homens, e um quarto das mulheres, já havia tido experiências homossexuais causou grande escândalo na época (KINSEY, 1954), mas foram de imensurável importância para o Movimento Gay. O grupo de conservadores da saúde, os quais ainda defendiam que a homossexualidade era uma doença, tornou-se cada vez mais restrito. Nessa mesma trincheira, o casal William Master e Virginia Johnson se dedicou por mais de trinta anos (de 1957 a 1990) ao estudo da sexualidade humana, publicando cinco livros e centenas de artigos científicos. Na década de 1990, influenciada por Kinsey, Shere Hite publicou um estudo semelhante sobre a sexualidade de homens e mulheres, também dividido em dois volumes: *O Relatório Hite*. Foi nesse contexto, depois da segunda metade do século XX,

¹⁰ “O homossexualismo passou a existir na CID a partir da 6ª Revisão, 1948, na Categoria 320 Personalidade Patológica, como um dos termos de inclusão da subcategoria 320.6 Desvio Sexual. Manteve-se assim a 7ª Revisão, 1955, e na 8ª Revisão, 1965, o homossexualismo saiu da categoria *Personalidade Patológica* ficou na categoria *Desvio e Transtornos Sexuais*, código 302, sendo que a subcategoria específica passou a 302.0 – Homossexualismo. A 9ª Revisão, 1975, atualmente em vigor, manteve o homossexualismo na mesma categoria e subcategoria, porém, já levando em conta opiniões divergentes de escolas psiquiátricas, colocou sob o código a seguinte orientação *codifique a homossexualidade aqui seja ou não a mesma considerada transtorno mental*” (LAURENTI, 1984).

¹¹ A lobotomia chegou a ser considerada uma forma adequada de tratamento. A primeira operação realizada em um prisioneiro ocorreu em 1941. O procedimento continuou a ser feito e, em 1959, foi escrito um relatório sobre 100 homens lobotomizados (SPENCER, 1999).

que pela primeira vez se falou em *homofobia*, dando início a um período em que seriam realizados sérios estudos sobre a violência contra homossexuais, bem como suas causas sociais e psicológicas.

Não obstante todo o empasse científico durante o século XX, pouco se pode sopesar quanto a uma efetiva mudança no pensamento ocidental a respeito da homossexualidade. Parece que, ao mesmo tempo que o mundo se tornara menos reticente à mulher, dentro do seio familiar, no cotidiano social e no mercado de trabalho, o inverso ocorreu com os homossexuais. As mulheres conseguiram provar sua capacidade e sua importância na sociedade – talvez após terem desenvolvido qualidades masculinas, o que fez com que elas desenvolvessem um falo imaginário –, mas o mesmo não ocorreu entre os homossexuais. É provável que tenha sido o próprio rancor das conquistas femininas que tenha impulsionado o homem a se voltar contra o que, segundo eles, simbolizava apenas mais uma dimensão feminina. Assim sendo, se considerar o sentimento anti-homossexual como uma consequência da misoginia, então o falocentrismo jamais deixou de existir. De fato, dada a grande censura e o conservadorismo moral na sociedade, no final do século XIX e início do século XX, pouco restou da homossexualidade no discurso popular, já que não se queimavam mais acusados de práticas sodomitas em praça pública. Todavia, os homossexuais parecem não ter sido esquecidos pela elite, tanto entre os intelectuais, que permaneceram levando o assunto às pautas dos congressos, quanto pelos governantes e legisladores, que persistiam nas perseguições e condenações à prisão.

Movimento Gay: uma busca por dignidade

A despeito de a expressão *homossexual* ter sido cunhada em meados do século XIX, seu uso somente se tornou popular depois do período bélico do século XX. Até então, muito pouco se falou sobre o assunto. A censura moral era tão forte que quase nenhum romance abordava o tema. Os autores faziam no máximo referências sutis quanto ao comportamento efeminado ou delicado de determinada personagem, o que se repetia no cinema, que dava seus primeiros passos. Os diretores se negavam a abordar o tema e, inclusive, não insistiam em nada que fizesse qualquer relação com a sexualidade. É como que se as pessoas ignorassem o fato, negando esse aspecto social. Segundo Spencer, o silêncio e a censura foram tão eficazes que a maioria das pessoas ignorava

totalmente que algo como o sexo entre seres do mesmo gênero pudesse sequer existir¹². Ao passo que alguns ignoravam ou fingiam que tal comportamento pudesse existir, a homossexualidade persistiu numa espécie de manifestação marginal da sociedade, fazendo com que os políticos não deixassem de se preocupar com o assunto.

A prostituição masculina foi duplamente reprimida. Em nome da homofobia e da própria prostituição. No final do século XIX, em Nova Iorque, funcionava o *Golden Rule Pleasure Club*, onde os interessados poderiam contratar um jovem disposto a tudo para satisfazer a sua clientela. Em Paris, não era menor o movimento homossexual de prostituição. O que mais irritava as conversadoras autoridades francesas era a captação de soldados para entreter os homossexuais ricos (LINS, 2013, p. 149).

A homossexualidade foi um movimento irradiante nos guetos e nas periferias, visto que todos os grandes centros urbanos tinham zonas de prostituição masculina. Longe dos olhares hipócritas e do moralismo da alta sociedade, os ricos homossexuais visitavam esses centros. Os clubes de encontros e os prostíbulos do público homossexual eram os únicos locais de interseção entre ricos e pobres, não importava sua classe social, todos estavam juntos lá. Todavia, a preocupação dos políticos se referia justamente à *proliferação desse vício*, que parecia atrair cada vez mais adeptos. A legislação sobre o assunto continuou severa e os homossexuais continuaram a serem perseguidos e presos¹³. O medo que os poderosos tinham de que a massa tomasse conhecimento do que se passava nas periferias fez com que as próprias leis omitissem o termo, geralmente classificando as condutas homossexuais genericamente como, *verbi gratia: comportamento degenerado, tipo desclassificado, ou imoralidade*. É claro que era, mormente, a classe trabalhadora que mais sentia o reflexo das sanções penais; os homossexuais de famílias mais abastadas poucos eram importunados. Porém, até o advento da Primeira Guerra Mundial, grande parte dos países ainda criminalizava a homossexualidade, mas evidentemente apenas os homens de classe baixa, em geral, operários e soldados de baixa patente, eram punidos.

¹² SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. São Paulo: Record, 1999.

¹³ "A homossexualidade era tão comum nos internatos e colégios internos que, ironicamente, a maioria dos políticos e dos juizes que condenavam os homens à força e a trabalhos forçados por sodomia, tinham tido, nos seus tempos de escola, contatos genitais e relações afetivas e apaixonadas com outros homens" (NAPHY, 2006, p. 210).

O fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, repercutiu em todos os setores do Ocidente. Diante do rigor e da hipocrisia que a moral burguesa impôs ao século XIX, o comportamento amoroso e sexual se tornou incomparavelmente mais livre. A primeira metade do século XX se caracterizou por uma busca crescente de prazer sexual. A partir do período entre as guerras, a moral sexual foi se tornando cada vez menos rígida. Apesar de a Igreja só aceitar o sexo no casamento para a procriação e, portanto, o prazer sexual ainda ser visto como pecado, um número crescente de pessoas defendia que o amor e o prazer estavam associados (LINS, 2013, p. 182).

Após a Primeira Guerra Mundial, a Europa foi tomada por um sentimento de medo, tendo em vista que muitas famílias tinham sido destruídas, soldados veteranos voltavam mutilados para casa, e o povo temia uma nova guerra. Na Alemanha, com a derrota da Primeira Guerra, a economia estava destruída, a população estava revoltada e querendo vingança. Começou a crescer um sentimento de hostilidade às pequenas minorias, sendo os judeus os que primeiramente sentiram os efeitos dessa onda xenofóbica, todavia, os homossexuais também acabaram afetados. Foi impulsionado por essa raiva que o pensamento socialista surgiu entre os alemães, por meio do Partido Nazista. Os anos de domínio nazista ficaram marcados pela perseguição selvagem aos homossexuais na Alemanha. Não há estatísticas oficiais de quantos homossexuais morreram em campos de concentração, mas se estima que quase 50 mil pessoas tenham sido condenadas pelo parágrafo 175, que considerava crime qualquer prática homossexual¹⁴.

Os anos de guerra do século XX haviam deixado profundas cicatrizes, principalmente nos europeus, que vivenciaram os efeitos de perto. Grandes cidades foram destruídas, a Alemanha estava dividida e muitas mulheres se tornaram viúvas. Os traumas de guerras estavam claros, muitos tinham passado fome e frio, presenciado as execuções e as pilhas de cadáveres nas ruas. Por outro lado, a repressão sexual no ocidente, que havia se intensificado muito no século XIX, passou a se estagnar no período posterior à Segunda Guerra. Do ponto de vista artístico, os anos 1950 foram muito prósperos para a economia norte-americana e, graças a esse fato, *Hollywood* teve seu tempo de

¹⁴ “Nos campos de concentração os prisioneiros eram identificados segundo triângulos coloridos: judeus amarelo; homossexuais rosa; ciganos marrom; presos políticos vermelho; criminosos em geral verde; antissocialistas preto; emigrantes azul; e testemunhas de Jeová roxo” (SPENCER, 1999, p. 211).

esplendor nessa década. Billy Wilder construiu a imagem publicitária por trás dos símbolos sexuais que mexiam com a libido dos homens. Na música, o *country* e o *blues* foram unidos na criação do *rock and roll*, que influenciou toda a juventude¹⁵. Como conceitua Reich, a Revolução Sexual teve suas raízes muito antes do advento da pílula e dos movimentos feminista e *gay*. Segundo o autor, o início revolucionário se deveu principalmente ao fim do patriarcado, que possibilitou a reinserção da mulher na sociedade (REICH, 1977).

Em suma, a Revolução Sexual significou uma revalorização do símbolo feminino. Mesmo ganhando salários mais baixos do que os homens, as mulheres passaram a sentir uma liberdade que jamais tinham vivenciado. Com as enormes baixas causadas nesse período, as mulheres tiveram que assumir o papel masculino, dentro e fora do lar, inclusive nas indústrias, que passaram fazer contratações maciças de mulheres. Conseqüentemente, os homens começaram a se acostumar com a nova influência da mulher na sociedade. Os movimentos feministas tomaram conta dos Estados Unidos e influenciaram todo o ocidente. Já que as mulheres tinham adquirido seu próprio falo, não admitiam mais a imposição masculina. Ao mesmo tempo que as mulheres queimavam seus sutiãs¹⁶, a juventude vivenciava a contracultura, por meio do movimento *hippie*. Cansados da opressão moral e do pensamento conversador, o *Woodstock Music & Art Festival* representou o apogeu de um movimento de renovação cultural. Esse foi um momento de grande euforia, em que as drogas sintéticas se popularizaram e o sexo se banalizou. A invenção da pílula deu mais força a esse contexto, pois, com o advento dos contraceptivos hormonais, as mulheres não precisavam mais temer a infidelidade e as conseqüências do adultério. A popularização dos métodos contraceptivos significou uma liberdade maior para mulher, aproximando-a do homem. Questões como casamento, divórcio, monogamia e homossexualidade passaram a ser questionadas.

Mas a pílula não favoreceu somente às mulheres. O fato de o sexo se dissociar da procriação fez com que as práticas heterossexuais e homossexuais se

¹⁵ “Quando Elvis Presley rebojava sensualmente, e a televisão da época só podia mostrá-lo da cintura para cima, era sinal de que a Revolução Sexual estava começando. Os Beatles abriram essa porta e a geração seguinte fez muito sexo ao som de Jimi Hendrix ou com a voz rouca de Janis Joplin ao fundo” (LINS, 2013, p. 269).

¹⁶ “O Episódio conhecido como *Bra-burning*, ou Queima dos Sutiãs, foi um evento de protesto com cerca de quatrocentas ativistas do *Women’s Libertion Movement*, contra a realização do concurso de *Miss América* em 7 de setembro de 1968, em Atlanta. Na verdade a queima propriamente dita nunca aconteceu. Mas a atitude foi incendiária. A escolha da americana mais bonitinha era tida como uma visão arbitrária da beleza e opressiva à mulher” (LINS, 2013, p. 289).

aproximassem. A homossexualidade, representante máxima dessa dissociação, onde é possível atingir um alto nível de prazer sem a menor possibilidade de procriação, é beneficiada socialmente (LINS, 2013, p. 270).

Em virtude do cristianismo, o casamento e a reprodução sempre estiveram ligados. Outrossim, a ideia de sexualidade, segundo os padrões ocidentais, sempre esteve relacionada com a ideia matrimonial. O prazer sempre estivera em segundo plano, inevitavelmente, ligado à perversão ou ao pecado. Visto que o sexo para as mulheres sempre foi sucedido pela gravidez, o adultério comumente foi uma questão polêmica e condenável, enquanto para o homem era mais aceitável. Em relação à homossexualidade, a bancada conservadora e religiosa defendia que era um comportamento antinatural, porque não se via o sexo enquanto prazer ou sentimento. Felizmente, graças à pílula e aos novos métodos anticoncepcionais, popularizados a partir da segunda metade do século XX, o sexo paulatinamente perdeu seu valor reprodutivo. Já que ele não estava mais ligado necessariamente à gravidez, as pessoas poderiam se relacionar com quem quisessem. A homossexualidade, pelo menos enquanto prática sexual desvinculada da reprodução, se igualou à heterossexualidade.

O Relatório Kinsey havia trazido novamente aos debates populares a questão da homossexualidade após a Segunda Guerra. As leis que versavam sobre a criminalização da homossexualidade se tornaram cada vez mais obsoletas, as prisões que se seguiram estavam mais relacionadas a atos obscenos e os homossexuais que eram presos geralmente tinham sido flagrados em atividades libidinosas em ruelas e parques públicos. As invasões a bares e boates eram mais usadas como meio de controle, as prisões eram raras, mesmo porque havia muitos clientes ligados a pessoas influentes do meio artístico e político. Motivados pela Revolução Sexual e pelas mudanças culturais, os homossexuais estavam mais numerosos e unidos, o que propiciou uma melhor organização. Os homossexuais, então, tinham ganhado uma nova identidade, tanto homens quanto mulheres passaram a se identificar como *gay*. O termo inglês, inicialmente usado como substantivo para designar *alegre*, ganhou popularidade como sinônimo de homossexual após o sucesso do filme norte-americano *Bringing Up*, lançado em 1938, pelo diretor Howard Hawks. Em uma hilária cena, o ator Cary Grant sai do banheiro e, como sua esposa estava trancada no *closet*, veste um penhoar. Nesse momento, a campainha toca e ele decide atender vestido do mesmo jeito. Questionado por que estava

usando aquelas roupas, ele respondeu, ironicamente: “*Because I just went gay all of a sudden!*” – “Porque eu só fui *gay*, de repente” (HAWKS, 1938, 29 min.). Essa foi a primeira vez que a palavra *gay* foi pronunciada no cinema, a partir de então, ela começou a ser usada como sinônimo de efeminação e homossexualidade. Não demorou muito para que os próprios homossexuais começassem a utilizar o termo enquanto um signo identitário.

Anos de lutas conferiam aos homossexuais militantes muita experiência. Mas, em 28 de junho de 1969, um único movimento definiu a causa *gay*. Um clube em Greenwich Willage, Nova Iorque, o *Stonewall Inn*, lugar de encontro de gays, lésbicas e travestis, foi invadido pela polícia. Não havia nada de especial na batida de Stonewall, a não ser que, pela primeira vez, os gays reagiram. Seis meses mais tarde a Frente de Libertação Gay havia discursado em 175 *campi* universitários. A primeira Marcha do Orgulho Gay aconteceu em 1972. Nos anos seguintes outros países começaram a levantar a mesma bandeira (LINS, 2013, p. 292).

O Movimento Gay se iniciou oficialmente nos anos 1970, como uma vertente da Contracultura e do Movimento Feminista. Porém, já se cultivava há muito tempo um sentimento de revolta frente à hostilidade da polícia e às manifestações da classe conservadora. Visto que as invasões e agressões eram constantes nos bares de encontros de homossexuais e nas zonas de prostituição, com certeza a revolta de Stonewall não foi a primeira. É certo que outras revoltas menores tenham ocorrido e se dissipado, por isso não receberam atenção da imprensa e conseqüentemente não entraram para os registros históricos. Todavia, a geração da década de 1970 estava vivenciando um período de grande euforia e libertação. Os movimentos feministas, que vinham acontecendo, deram um novo significado ao ocorrido de Stonewall, o que talvez tenha atordoado as autoridades e contribuído para seu efeito irradiante. Paralelamente aos eventos nos Estados Unidos, grupos militantes de jovens se uniram em outras localidades, como no Reino Unido, onde surgiu o *Gay Liberation Front*, e, um ano depois, na França, com o *Front Homosexuel d'Action Revolutionnaire*. Os homossexuais, ou *gays*, como passaram a se autodenominar, começaram a ser ouvidos pela sociedade e ganharam poder político. Foi durante as manifestações do Movimento Gay, durante a década de 1970, na Europa, que a Bandeira do Arco-Íris foi erguida pela primeira vez, com suas seis cores, cada uma a representar um aspecto do movimento: luz, cura, sol, calma, arte e espírito.

A organização denunciou publicamente os *pubs* que haviam recusado clientes considerados gays. Muitos começaram a montar suas próprias discotecas, onde homens e mulheres homossexuais podiam se encontrar e passar uma noite agradável, numa atmosfera relaxante e sem a tensão e o clima pesado dos locais tradicionais de encontro heterossexual (SPENCER, 1999, p. 152).

Entretantes, em 1981, o jornal *The New York Times* publicou como manchete de capa: “*Rare cancer seen in 41 homosexual*” – “Raro câncer visto em 41 homossexuais” (ALTEMAN, 1981), notícia falava sobre uma misteriosa doença encontrada num grupo de homossexuais de Los Angeles e que parecia se relacionar com o sistema imunológico. Tinha dado início à pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. A doença se espalhou primeiramente entre os homossexuais, devido aos hábitos de troca de parceiros e ao sexo sem proteção. Porém, não demorou muito para atingir os usuários de heroína injetável e os hemofílicos. O aparecimento inicial da doença entre os grupos gays trouxe consequências diretas à comunidade, principalmente em virtude do sentimento de culpa e do estigma social. De acordo com Spencer (1999), isso fez com que muitos abandonassem o álcool, o cigarro e as drogas, aderindo a rígidos programas de exercício e frequentando academias. Contudo, apesar de num primeiro momento os gays terem reivindicado o direito à diferença, como forma de serem reconhecidos pela maioria, nos anos 1980 houve uma modificação tática no movimento. Ser minoria, uma espécie à parte, dificultava a visão de que a homossexualidade é um aspecto da sexualidade de cada um, provocando a exclusão da sociedade (SPENCER, 1999). A partir da década de 1990, aparentemente, o discurso sobre a homossexualidade no ocidente se tornou cada vez mais aceito. A questão da homofobia, que até os anos 1970 era discutida apenas no âmbito acadêmico, tornou-se mais popular. Começou-se a falar em Direitos Humanos para homossexuais e novos direitos passaram a ser pleiteados. O final do século XX e início do XXI foram marcados pela luta por direitos de igualdade entre homossexuais e heterossexuais. Tanto na Europa quanto na América, a comunidade gay pleiteou principalmente direitos civis e previdenciários, entre eles: o casamento, a adoção, a sucessão de bens e a pensão. Seria o fim da desigualdade, da violência e da opressão?

O comportamento homossexual é ilegal em 74 dos 202 países do mundo. Em geral, a lei só cita os machos. No cômputo geral, a situação na África é pior que na Europa. Em 144 países não existe apoio aos Direitos de gays e lésbicas. Entre os países em que o homossexualismo é ilegal, 56 são ex-comunistas, ex-integrantes do Império Britânico, ou de

cultura predominantemente islâmica. Em 56 países existem movimentos *gays* e lésbicos; em 11 deles na maioria da população há direitos iguais para lésbicas e homens *gays*. Em 98 países o homossexualismo não é ilegal, ainda que a idade mínima para a opção sexual seja diferenciada e não haja leis contra a discriminação. Em apenas 6 países a lei protege os *gays* e as lésbicas contra a discriminação. Essa proteção existe em alguns estados americanos, no Canadá e na Austrália (BORILLO, 2010, p. 366).

O século XX foi, sem dúvida, o mais turbulento na história da homossexualidade. Em apenas um século, os homossexuais passaram por três estágios de estereótipos diferentes. Inicialmente, foram considerados criminosos, segundo a legislação penal do começo do século, em paralelo continuaram a ser classificados como pervertidos pela Psiquiatria e Psicologia, de acordo com as correntes mais conservadoras, o que somente mudou oficialmente na década de 1970, por meio da retirada do termo homossexualismo da lista de doenças e distúrbios mentais. Depois, a partir do Movimento Gay e das novas conquistas no direito civil, parece que os homossexuais adquiriram o *status* de normalidade. Mas será que a sociedade conseguiu acompanhar essa mudança de percepção quanto aos homossexuais em apenas cem anos, passando de criminosos, pervertidos a normais? Será que as pessoas deixaram de associar a homossexualidade com a perversão e com o banditismo? Sem falar da barbaridade que ainda se comete em alguns países da África e da Ásia, graças ao fanatismo religioso. Ao examinar somente os países ocidentais de cultura cristã, é possível observar uma clara resistência de grupos conservadores que são contra qualquer espécie de equalização entre heterossexuais e homossexuais. Quiçá pautado nos obsoletos valores morais do início do século, esse grupo de conservadores, muitas vezes ligados às alas radicais da Igreja Católica e Protestante, sonha com uma sociedade estagnada no tempo, em que o casamento e a monogamia ainda são vistos como valores supremos da sociedade.

Conclusão

Ao analisar a evolução da homossexualidade, desde a mais primitiva memória histórica que se tem, é possível dizer que houve muitas mudanças nesses percursos. Porém, é notório que os processos históricos envolvendo a homossexualidade, mormente no que se refere à violência, estão diretamente ligados ao feminino. O pensamento misógino sempre esteve acompanhado do pensamento anti-homossexualidade. Na Antiguidade, a homossexualidade era

aceita e praticada normalmente em quase todas as civilizações, os judeus eram um dos poucos povos que não a aceitavam. Na Grécia Antiga, além de aceita, ela era prestigiada e reverenciada enquanto a mais excelsa forma de amor. Entre os romanos, contudo, talvez nem se possa falar em uma aceitação, pois para eles o gênero era totalmente indiferente, o importante era ser ativo. Mesmo nesses tempos em que a homossexualidade era vista como normal, traços dessa sexualidade ainda eram contra os valores sociais. Assim, a passividade, sobretudo entre os adultos, sempre foi mal vista entre os antigos, uma vez que sempre esteve ligada à efeminação e à falta de virilidade, aspectos simbólicos do feminino. Todavia, em virtude do cristianismo, cujas raízes adinham da cultura judaica, a homossexualidade se torna cada vez menos recomendada, a ponto de ser rebaixada ao nível do feminino. Mesmo assim, as preferências sexuais pagãs pouco mudaram após a dominação da Igreja Católica, o que provocou uma grande insegurança por parte do clero, durante a Baixa Idade Média. A Peste Negra, todavia, foi a grande divisora de águas na legislação relativa à sexualidade, visto que os governantes e a Igreja, que já estavam desgostosos em relação à promiscuidade do povo, tinham um motivo justo para proibir qualquer comportamento não natural. A partir de então, é notório perceber que, ao passo que o feminino se tornou cada vez mais valorizado, a homossexualidade ganhou cada vez menos prestígio. A homossexualidade foi perseguida inicialmente por ser pecado, depois, com a segregação entres os Estados e a Igreja, continuou a ser perseguida enquanto crime e, com o advento da psiquiatria, os homossexuais passaram a ser classificados como pervertidos e degenerados. Algumas décadas depois, após anos de lutas, os homossexuais aparentemente conquistaram espaço e respeito na sociedade.

Foi apenas com o alvorecer da Renascença que os primeiros psiquiatras iniciaram estudos coerentes sobre a subjetividade humana. A homossexualidade não representaria mais um mero comportamento, um desvio facilmente corrigível, mas o entendimento da época passou a caracterizá-lo como um aspecto idiossincrático. O homossexual, então considerado indivíduo, passou a fazer parte do discurso científico, filosófico, religioso e popular. Todavia, isso não significou um avanço. Enquanto outrora havia a ilusão de que o exorcismo consistia na solução para a *maldição*, a ciência mostrava que, sendo a homossexualidade uma característica encruada na própria personalidade e infrutífera a qualquer mudança, a única saída seria a destruição do indivíduo. Os Estados, já laicos, fizeram questão de manter a repressão contra o comportamento homossexual. Assim, os homossexuais, que durante a Idade Média eram queimados em praça pública, passaram a ser

enforcados nos mesmos cadafalsos. No Brasil, os três Ordenamentos contemplavam a execução na fogueira diante do crime da sodomia. Apenas com o Código Criminal de 1830 se descriminalizou a prática, porém, isso não era impedimento para que os flagrantes fossem esquecidos. Na prática, os homossexuais flagrados eram enquadrados no crime de ultraje público, o que não diminuía sua humilhação e injustiça.

Por fim, com fulcro da Pós-Modernidade, se por um lado as mulheres passaram a ganhar mais prestígio, os homossexuais permaneceram subjugados e oprimidos. É como se todo o revanchismo misógino tivesse se focado nos grupos homossexuais, enquanto sobreviventes contumazes de aterradoras e impregnáveis práticas pagãs. O *status* de normalidade, de certa forma, foi conquistado apenas com o Movimento Gay, graças à Revolução Sexual e à descoberta da pílula contraceptiva, que desvinculou o sexo da procriação. Com a aproximação entre sexo e afeto, os homossexuais conseguiram mostrar ao mundo que sua forma de sexualidade era tão legítima quanto a heterossexual.

Em epítome, as lutas no século XX diziam respeito à busca por liberdade e sanidade; cem anos depois, os homossexuais, que não eram mais presos nem constavam como doentes na literatura médica, continuam lutando por justiça. Nesse diapasão, não se pode deixar de concluir este capítulo, que analisa a genealogia da homofobia, sem antes mencionar a história do veterano de guerra e ativista gay Leonard Matlovich. Em 1975, após treze anos de serviços militares prestados durante a Guerra do Vietnã, o condecorado soldado foi sumariamente expulso das Forças Armadas dos Estados Unidos e excomungado pela Igreja Católica após assumir sua homossexualidade publicamente. No mesmo ano, ele proferiu uma frase antológica, resumindo tantos séculos de violência e toda a força motriz da militância *gay*, que se tornaria imortalizada em seu epitáfio: “quando estive no exército, eles me deram uma medalha por matar dois homens e a expulsão por amar outro”. O soldado Matlovich morreu em 1991, porém, as palavras esculpidas em sua lápide e a bravura com que enfrentou os preconceitos sociais são lembradas até hoje como um dos maiores exemplos do Movimento Gay e da luta contra a homofobia.

¹⁷ “When I was in the military, they gave me a medal for killing two men and a discharge for loving one” (Epitáfio de Leonard Matlovich).

Referências

- ALTEMAN, Lawrence. Rare cancer seen in 41 homosexual. *The New York Times*, EUA, p. 1, 3 de jun. 1981.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. São Paulo: Autêntica, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2006.
- HAWKS, Howard. *Bringing up baby*. [Filme-vídeo]. RKO Radio Pictures: EUA, 1938, 29 min.
- IGREJA CATÓLICA. Papa Inocêncio VIII. *Carta encíclica: Summis desiderantes affectibus*. Vaticano, 1484.
- KINSEY, Alfred. *Conducta sexual del Varón*. México: Editorial Interamericana, 1949; KINSEY, Alfred. *Conducta sexual de la Mujer*. México: Editorial Interamericana, 1954.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum: manual da caça às bruxas*. São Paulo: Três, 1997.
- LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. *Saúde Pública*, v. 18, n. 5, p. 344-347, 1984.
- LINS, Regina Navarro. *O livro do Amor I: pré-história à Renascença*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013.
- LINS, Regina Navarro. *O livro do Amor II: Iluminismo à atualidade*. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1993.
- MUCHEMBLED, Robert. *O Orgasmo e o Ocidente*. Martins Fontes, 2007.
- MESLIER, Jean. *Oeuvres*. Roland Desné e Albert Soboul. Paris, Anthropos, 1970.
- NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Portugal: Edições 70, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SADE, Marquês de. *Os 120 dias de Sodoma: ou a Escola da Libertinagem*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. São Paulo: Record, 1999.